



ISSN: 2953-4283

2025 (4)

SALVAR MEMÓRIAS: METODOLOGIAS CURATORIAIS E A HISTÓRIA DAS MULHERES ARTISTAS *

Saving memories: curatorial methodologies and the history of women artists

Carolina Ruoso ** <https://orcid.org/0000-0002-3340-4357>

Luiza H. Amorim Coelho Cavalcante *** <https://orcid.org/0000-0003-0661-6757>

Resumo: O conjunto de ações de educação museal foi criado ao observar a necessidade de fomentar o direito à memória das mulheres artistas visuais a partir do Ceará nos espaços museais, tomando como recorte, 1940 aos anos 2000. Em uma perspectiva de gênero, olhamos para o acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) a fim de encontrar as histórias das mulheres artistas e dos espaços ocupados por elas. Utilizamos como metodologia os verbetes e a produção de cartas curatoriais, uma metodologia criada e

* Este artigo fez parte das apresentações no XIV Encontro Regional do CECA LAC: "Educação em museus e democracia: diversidade, inclusão e direito à memória", realizado em novembro de 2024 em Fortaleza, Brasil.

** Universidade Federal de Minas Gerais, membro dos grupos de pesquisa ESTOPIM/CNPq/UFMG e GEPPM/CNPq/UFC. E-mail: carolinaruoso@eba.ufmg.br

*** Universidade Federal de Minas Gerais, membro dos grupos de pesquisa (GEPPM/ CNPq) e (UFMG/ CNPq). E-mail: Luiza.helena.amorim@gmail.com

Dossier: Educação em museus e democracia: diversidade, inclusão e direito à memória.

C. Ruoso & L. H. Amorim Coelho Cavalcante. *Salvar memórias...*

EducaMuseo 2025-4

desenvolvida pela prof^a Dr^a Carolina Ruoso, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: História das artistas mulheres; gênero; educação museal; artes visuais.

Resumen: El conjunto de acciones de educación museística surgió al observar la necesidad de promover el derecho a la memoria de las artistas visuales cearenses en los espacios museísticos, tomando como punto de corte, de 1940 a la década de 2000. Desde una perspectiva de género, miramos el período. colección del Museo de Arte de la Universidad Federal de Ceará (MAUC) con el objetivo de encontrar las historias de mujeres artistas y los espacios que ocupan. Utilizamos como metodología las entradas y la producción de cartas curatoriales, metodología creada y desarrollada por la Prof. Dra. Carolina Ruoso, de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Minas Gerais.

Palabras clave: Historia de las artistas femeninas; género; educación en museos; artes visuales.

Abstract: The set of museum education actions was created when observing the need to promote the right to memory of women visual artists from Ceará in museum spaces, taking as a cut-off point, 1940 to the 2000s. From a gender perspective, we look at the collection of the Art Museum of the Federal University of Ceará (MAUC) in order to find the stories of women artists and the spaces they occupy. We used entries and the production of curatorial letters as a methodology, a methodology created and developed by Prof. Dr. Carolina Ruoso, from the School of Fine Arts at the Federal University of Minas Gerais.

Keywords: History of female artists; gender; museum education; visual arts.

Recibido: 18-01-2025. **Aceptado:** 25-02-2025. **Publicado:** 10-03-2025.

Carolina Ruoso é professora de Teoria, Crítica e História da Arte na EBA/UFMG, ministra aulas para os cursos de Museologia, Conservação-Restauração e Artes Visuais. Doutora em História da Arte pela Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Membro do Grupo de Pesquisa Estopim/CNPq, Coordenadora do Laboratório de Curadoria de Exposições Bisi Silva e da Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposições. É mãe.

Luiza Helena Amorim Coelho Cavalcante é mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória (GEPPM/ CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa Estopim/CNPq, e da Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposições. Realiza pesquisas e ministra oficinas nas áreas de História das Mulheres Artistas, História da Arte no Ceará, Patrimônio e Museus. Pesquisadora-etc no mundo das artes e bordadeira. É mãe.

Dossier: Educação em museus e democracia: diversidade, inclusão e direito à memória.

C. Ruoso & L. H. Amorim Coelho Cavalcante. Salvar memórias...

EducaMuseo 2025-4

Cómo citar: Ruoso, C. & Amorim Coelho Cavalcante, L. H. (2025). Salvar memórias: metodologias curatoriais e a história das mulheres artistas. *EducaMuseo*, 4, 1-11.



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: **No Comercial / Compartir Igual** (by-nc-sa) <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/EducaMuseo>

Introdução

As cartas pessoais são documentos que delineiam redes de sociabilidade, tratam de sonhos, projetos que muitas vezes ou ficavam circunscritos na esfera do privado ou, em alguns casos, impulsionaram-nos por meio da potência de criações compartilhadas a partir da troca de conselhos entre cartas. Muitos intelectuais e artistas utilizaram-se desse diálogo epistolar. Mário de Andrade escrevia cartas para muitos amigos, que posteriormente foram publicadas em coletâneas, revelando também os bastidores do processo criativo e de pesquisa.

Durante o exílio político, na década de 1960, os artistas Hélio Oiticica e Lígia Clark trocaram muitas correspondências. Em uma delas, ela escreveu: “Você não imagina a alegria que senti, pois, uma carta é sempre um pedaço da pessoa e a gente que está longe lê uma, duas, três vezes, tal a fome que é a saudade que a gente tem dos amigos!” (Clark *apud* Figueiredo, 1998). Assim, podemos refletir que:

As cartas são documentos relacionais. Através da leitura de um conjunto de correspondências pode-se entrever um outro grupo contíguo. Ao contrário de outras fontes, as cartas funcionam como uma via privilegiada para investigar relações pessoais porque permitem distinguir marcas de relações mútuas. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se guarda uma resposta. É, portanto, uma via de mão dupla, um ir e vir entre uma intenção prenunciada, uma espera ansiosa e uma resposta almejada que tem por função o reinício do processo. (Venâncio, 2005, p. 113)

Na historiografia, as cartas e os diários pessoais são utilizados como discursos do cotidiano da vida privada, escritas de si permeadas de subjetividades, que proporcionam conhecermos detalhes da vida pessoas que, geralmente, não estão disponíveis em outras fontes. Gomes (2004, p. 357) destaca a carta como “uma fonte deliciosa” por ser uma escrita que “fala de si para um outro; mas não para um “outro ideal” (leitor do livro de memórias) e sim alguém muito específico”. Carolina Ruoso teve uma experiência pessoal com a escrita delas:

Eu comecei escrevendo as minhas cartas para as minhas avós, minha mãe, minhas tias, cunhadas e amigas, depois incluí mais gente. Era para ser uma conversa entre mulheres, queria me aproximar das mulheres que vieram antes de mim, compartilhar histórias com as mulheres da minha vida e, tem sido bom cuidar dos laços com correspondências. (Ruosos, 2023)

Percebeu nelas uma importante ferramenta para estudo de pesquisa e prática em curadoria de arte e estudo das exposições de arte, uma vez que em sua forma discursiva elas movimentam pesquisas e sensibilidades. A professora desenvolveu uma metodologia de cartas curatoriais, publicadas mensalmente, de 2018¹ a 2020, no jornal O POVO. Já Luiza Helena Amorim foi aluna e depois monitora no curso online, de Teorias e Metodologias em

¹ A primeira carta curatorial publicada por Carolina Ruoso foi em 18 de fevereiro de 2018, para a artista Aspásia Mariana, a partir da experiência do Projeto Guerreiras, no qual ela trabalhou a dança tendo como ateliê diversos espaços urbanos e rurais, trazendo consigo a história a força das mulheres.

Curadoria de Exposição, quando tomou conhecimento desta prática. Partindo dessa experiência e de outras metodologias, como a escrita de verbetes, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC)² foi escolhido para receber oficinas, de cunho teórico e prático sobre mulheres artistas, na intenção de fazê-las conhecidas retirando-as do memoricídio que lhes foi imposto pelos cânones da História da Arte.

Fig. 1 Integrantes da Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposição: Saulo Moreno, Luiza Helena Amorim e Carolina Ruoso na fachada do Mauc



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Metodologias curatoriais para salvar memórias

Há uma pergunta que Luiza Helena Amorim gosta de fazer para os alunos, antes de iniciar aulas que ministra: quantas mulheres artistas plásticas, cearenses, vocês conhecem que não são contemporâneas? Uns três ou quatro nomes são citados, quase sempre das bem conhecidas: Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba e Sinhá D'Amora. Muitos silêncios. Se a perspectiva muda e questionamos sobre “o” artista, a lista colaborativa vai crescendo.

² O Mauc foi o primeiro museu de arte do Ceará, fundado em 1961.

Enquanto os nomes de homens trabalhadores da cultura são facilmente lembrados, por nomearem salas em museus, protagonizarem e escreverem a História da Arte no Ceará, elas chegaram depois e foram conquistando espaços com muitas lutas. Podemos continuar questionando: cadê as pioneiras na crítica de arte, na museologia, na mediação? O que fazer com tantas perguntas sem respostas?

Em 2020, foi criada a Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposição pelas coordenadoras Carolina Ruoso (EBA/UFGM) Rita Lages Rodrigues (EBA/UFGM) Joana d'Arc de Sousa Lima (UNILAB). Ela foi articulada pelos Programas de Extensão Universitários, Instituições de Educação e Cultura: Laboratório de Curadoria de Exposições Bisi Silva (Escola de Belas Artes/Universidade Federal de Minas Gerais); Laboratório de Arte/Educação, Curadorias e Histórias das exposições (UNILAB); Núcleo de Pesquisa Mamam/Recife; Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais e o caderno Vida & Arte do jornal O POVO. Em 2020, a Rede ofereceu o primeiro curso de Teorias e Metodologias em Curadoria de Exposição, na modalidade online.³

A parte prática do curso estruturou-se a partir dos grupos: 1. História das Exposições e crítica de curadoria; 2. Pesquisa curatorial e crítica de arte; 3. Design e publicações de exposições e 4. Cartografia dos curadores e suas redes. O objetivo era cada grupo gerar uma atividade final. Vejamos os objetivos do grupo dois:

Nesse grupo serão trabalhados estudos sobre as práticas de pesquisa curatorial, suas referências teóricas e metodológicas. Serão estudados a partir da leitura e da escuta de depoimentos e entrevistas de curadores. **Não há um manual de teoria da curadoria de exposições, as perspectivas teóricas e metodológicas são aprendidas pela prática.** Serão desenvolvidas atividades de leitura/escuta de portfólio de artista, com artistas convidados. E será praticada a escrita das cartas-entrevistas da série do Caderno Vida & Arte do Jornal O Povo. **As escritas sobre arte são também um trabalho de arte/educação na medida que apresentar interpretações ou formas de construção, montagem e desmontagem dos olhares para as artes.** (Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposição, 2020)

Percebemos nesse trecho, a necessidade de desenvolver práticas para refletir sobre a teoria. O que há são conceitos e autores que balizam o processo e pensamento curatorial como Bisi Silva, Jérôme Glicestein, Paulo Freire, Cristina Tejo, entre outros. Ao tratar de montagem e desmontagem, podemos trazer o filósofo e historiador da arte Didi- Huberman ou ainda o historiador da arte alemão, Aby Warburg, com seu *L'Atlas mnémósyne*.

A narrativa curatorial foi desenvolvida a partir da metodologia de Carolina Ruoso que consistia em realizar uma pesquisa sobre uma artista. Em seguida, ela enviava um e-mail com várias perguntas que abrangiam aspectos relacionados aos mundos da arte tais como formação, processos criativos e visões de mundo. A partir das respostas da artista ela redigia duas cartas: sendo uma como se ela estivesse entrando em contato com a artista e fazendo perguntas; e, outra como se a artista estivesse respondendo. Ela optou por trazer a escrita

³ Essa era a única opção uma vez que o mundo estava tentando sobreviver durante a pandemia da Covid-19 e, o isolamento social foi uma forma de evitar a contaminação ,quando não havia ainda um tratamento efetivo nem uma vacina disponível.

sobre mulheres artistas, contemporâneas, que dialogavam com o Ceará, em uma perspectiva dentro de uma geopolítica das artes, como forma de discutir a noção de espaços que são centros e outros ditos periferia das artes.

Na carta escrita a partir da troca de informações com a artista Sabyne Cavalcante, Carolina Ruoso apresenta o projeto Corpo-móvel e a exposição “Vá plantar batatas?”, realizada no Museu Mataquiri⁴, como fio condutor para um diálogo sobre a necessidade de descolonizar o pensamento. A pergunta geradora levou a pensar na historicidade da expressão, no lugar de fala de quem a utilizava, quem dominava as técnicas de plantio e cultivo eram os indígenas, inclusive por reconhecerem seu poder sagrado e sua dimensão humana. A expressão é utilizada para significar que a outra pessoa não está fazendo nada de útil, esconde um preconceito que impõe aos indígenas o rótulo de preguiçosos.

A sua pesquisa Sabyne, me aproximou desse aprendizado, a sua criação artística criou parentescos a partir das batatas, nos convidando a plantar batatas no Museu Mataquiri, ao ver as batatas doce nos armários, nos móveis carregados de afetos entre mulheres, história de vida, nos fazer repensar o lugar dessa frase, pois a batata não nasce, ela brota. Ela brota somente para as mulheres que são de grande valor. Seu trabalho nos trouxe através da arte um olhar para a grandiosidade de quem faz brotar as batatas (Ruosso, 2018).

Importante observar como as cartas conduzem, para assuntos além da trajetória artística pessoal. Muitas vezes esse trabalho curatorial de análise de obras, trajetórias e projetos apresentam às artistas, novos significados para seus trabalhos artísticos. Além das publicações no jornal, escreveu cartas sobre exposições que são compartilhadas com os alunos ou no perfil da professora na rede social científico-acadêmica “Academia.edu”⁵.

7

Articulando memórias femininas em um museu universitário

Realizamos as oficinas na programação do 8º Férias no Mauc, uma convocatória aberta duas vezes ao ano, realizada em julho e janeiro. Optamos por este espaço, por estar ligado à uma universidade, o que pressupõe um espaço aberto para experimentações, como demonstra a sua missão: “Produzir conhecimento por meio da arte, compartilhando experiências inspiradoras e envolventes de acolhimento, preservação, pesquisa e inovação para promoção do patrimônio cearense e da UFC” (UFC - Mauc, 2019). De acordo com Siqueira e Rocha (2023), o Projeto Férias no Mauc nasceu em 2019, quando foram criados os Núcleos Educativos e de Comunicação Institucional do museu, como um “anseio institucional de ver o museu ocupado pelo público espontâneo, interno e externo à UFC”. Além disso, “fazia-se urgente apresentar este equipamento museal e suas potencialidades para lazer e turismo local, rompendo o estigma de que o funcionamento e atividades da instituição deveriam ocorrer apenas no período letivo das escolas e das universidades” (Siqueira, Rocha, 2023, p. 202).

⁴ O Museu Mataquiri foi criado pelo artista plástico Tércio Araripe, em 24 de janeiro de 2015, no povoado de Moita Redonda, em Cascavel, litoral cearense. O objetivo é manter viva a tradição do barro.

⁵ <https://ufmg.academia.edu/CarolinaRuosso>

Solicitamos os nomes de todas as artistas presentes no acervo e uma lista das obras de autoria feminina. A primeira oficina foi intitulada “Cartas curatoriais: Heloisa Juaçaba e as mulheres artistas no acervo do Mauc”. Destacamos tal artista, por compreender a importância da diversidade de papéis que ela desempenhou nos mundos da arte, como artista, gestora e incentivadora da arte e dos artistas. A oficina foi híbrida, tivemos momentos teóricos com aulas ministradas por Carolina Ruoso, Luiza Helena Amorim e as artistas convidadas Maíra Ortins e Núbia Augustinho.

Fig. 2 Card de divulgação da Oficina Cartas Curatoriais

Férias no Mauc
Oitava Edição

Oficina
Cartas Curatoriais:
Heloísa Juaçaba
e as artistas mulheres
no acervo do Mauc

Ministrantes: Luiza Helena Amorim e Carolina Ruoso
Convidadas(o): Anderson Sousa, Maíra Ortins e Núbia Augustinha
Modalidade/Plataforma: Oficina/Presencial
Data: 06 e 07/02 (10-12 horas), 08/02 (17-19 horas) e 11/02 (10-12 horas)
Número de vagas: 15
Carga horária: 10 horas
Público-alvo: Adultos, estudantes de artes visuais, história ou interessados

MAUC **UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Fonte: Mauc

Solicitamos que cada aluno escolhesse uma das artistas, presentes no acervo, para escrever uma carta. A metodologia foi modificada pois, não necessariamente a artista escolhida precisaria ainda estar viva. Os participantes fariam uma pesquisa baseando-se nas fontes disponíveis e escreveriam uma carta, destinada à Heloísa Juaçaba, já falecida, apresentando a artista escolhida. Na última aula realizamos uma visita mediada ao Mauc, onde além das exposições, levamos os participantes para conhecerem a biblioteca e o arquivo, apresentando as tipologias de fontes.

Fig. 3 Card de Divulgação da oficina Verbetear

Férias no Mauc
9ª Edição

80 anos Descartes Galdino
Férias no Mauc 9ª ed.
MAUC

Oficina híbrida

Verbetear: Por que não houve grandes mulheres artistas no Ceará?

Ministrantes:
Luiza Helena Amorim,
Rita Lages e Carol Ministério

Convidadas:
Tânia Rodrigues e Bruna Ferreira
(Representantes da Enciclopédia Itaú Cultural)

Datas:
24, 27, 28 e 31/07

Horário:
8h às 10h

Online
Google Meet
e presencial no Mauc.
no dia 28/7
Vagas
25
Público-alvo
Jovens e adultos interessados
em História da Arte
Carga horária
10h

Enciclopédia Itaú Cultural MAUC MUSEU DE ARTE DA UFC UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ SECRETARIA DE CULTURA

Fonte: Mauc

A segunda oficina realizada no Mauc foi a " Verbetear: por que não houve grandes mulheres artistas no Ceará?", na qual Luiza Helena Amorim ministrou com a profª Drª Rita Lages e a profª Mª Carolina Ministério, tendo como convidadas Tânia Rodrigues e Bruna Ferreira, da Enciclopédia Itaú Cultural, que dispõe de um site com verbetes sobre artistas e obras. Fizemos uma visita guiada ao Mauc que havia organizado uma exposição exclusiva de artistas mulheres, o que foi muito positivo para nossa ação. Solicitamos aos alunos que escrevessem verbetes.

A terceira ação foi a palestra online ministrada por Luiza Helena Amorim e Carolina Ruoso intitulada " Com quantas mulheres se faz um museu de arte? A história do Mauc contada por elas", abrindo a perspectiva da participação das mulheres em outros papéis no mundo das artes.

Considerações finais

As oficinas foram elaboradas para serem realizadas, como metodologias a serem testadas na prática observando conteúdos e tempo necessário para produção textual. Inéditas, foram criadas especialmente para o Férias no MAUC. O principal objetivo, foi perceber a presença de mulheres artistas no acervo, bem como promover a coleta de dados, e, a produção de fontes históricas, por meio da escrita de cartas ou verbetes. O terceiro foi incentivar pesquisas que trouxessem a temática da oficina, pois, não conseguimos atender completamente à complexidade que o tema exige, e, as fontes disponíveis são difíceis de localizar ou inexistentes. Consideramos a experiência bem-sucedida em termos qualitativos.

Há uma desigualdade na quantidade de obras de homens e mulheres, bem como lacunas na história da arte no Ceará sobre elas. Desta forma, trazer o protagonismo delas e suas poéticas de criação é proporcionar uma história da arte decolonial, uma perspectiva que há outras histórias, outros sujeitos que não ocupam o mesmo espaço dos homens nos livros clássicos de história da arte no Ceará. Isso é importante para que a sociedade possa refletir sobre como a historiografia foi produzida até aqui e, como poderemos construir, colaborar com uma nova historiografia enquanto pesquisadores, educadores museais, museólogos artistas, entre outras funções de colaboradores nos mundos da arte.

Referências bibliográficas

- FIGUEIREDO, L. (Org.). (1998). *Lygia Clark, Hélio Oiticica: cartas: 1964-1974*. Prefácio Silvano Santiago; texto Lygia Clark, Hélio Oiticica, 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- GOMES, A. de C. (org.). (2004), *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- RUOSO, C. (2018). Carolina Ruoso e Sabyne Cavalcante conversam sobre arte. O POVO, Fortaleza, 02 jun. 2018. *Vida & Arte*, 2. Disponível em:

Dossier: Educação em museus e democracia: diversidade, inclusão e direito à memória.

C. Ruoso & L. H. Amorim Coelho Cavalcante. Salvar memórias...

EducaMuseo 2025-4

<https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/06/carolina-ruoso-e-sabyne-cavalcante-conversar-sobre-arte.html> Acesso em: 10 nov. 2024.

SIQUEIRA, G. K., & ROCHA, S. M. (2023). Turismo e patrimônio cultural na Universidade Federal do Ceará: explorando o Museu de Arte e suas ações cotidianas. *RITUR - Revista Iberoamericana De Turismo*, 13, 187–208. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/13487>. Acesso em: 10 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). (2029). *Museu de Arte da UFC. Relatório Anual*. Fortaleza.

VENÂNCIO, G. M. (2004). Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A. de C. (Ed.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 111-138.